

## **6**

### **Considerações Finais**

Finalizando a presente dissertação, gostaria de assinalar algumas questões. Deparei-me por vezes com certas dificuldades durante o processo de pesquisa dos conceitos teóricos de Jung. Isto se deve ao fato de os escritos do autor nem sempre seguirem padrões sistemáticos. Frequentemente, ele introduz um determinado tema, para logo em seguida desviar do assunto escolhido e enveredar por outros caminhos. Além disso, Jung por vezes não ordena nem delimita as suas idéias e os seus conceitos teóricos de maneira exata. Ele os reformula constantemente ou não diferencia claramente um termo do outro, como pude observar, por exemplo, no caso dos conceitos de arquétipo e imagem arquetípica, símbolo e imagem arquetípica, psique e alma. O próprio Jung afirma: “Eu só posso formular os meus pensamentos à medida que eles irrompem. É como um ‘*gêiser*’. Os que vierem depois de mim terão de ordená-los”<sup>1</sup> (Jung apud Jaffé, 1970: 8). Jaffé por sua vez aponta, ao elaborar um glossário onde define noções básicas da psicologia analítica:

Sempre que possível esclareci as noções da psicologia junguiana mediante citações tiradas de suas próprias (de Jung) obras. Essas citações devem, entretanto, ser consideradas apenas como esboços indicativos. Jung modificou e transformou continuamente os conceitos que utilizara sem pretender eliminar o aspecto enigmático e misterioso da realidade psíquica.

Jaffé, 1996: 17

Esta última citação ilustra que o estilo aparentemente confuso de Jung não se resume apenas a uma falta de sistema, mas corresponde em parte às idéias teóricas por ele defendidas. Unterste (1977) sugere que o método de Jung às vezes nos parece pouco claro, pois se encontra conectado com um ponto de vista sintético-construtivo, rejeitando o princípio meramente causal. Desta forma, Jung não se empenha na busca de explicações e verdades definitivas, mantendo em aberto vários pontos de sua teoria. Além disso, Unterste (op. cit.) afirma ainda que, enquanto disciplina que se encontra entre as ciências naturais [*Naturwissenschaften*] e as ciências humanas [*Geisteswissenschaften*], a psicologia não pode utilizar um método único. No caso de Jung o problema se tornaria mais complexo, pois os seus estudos são de natureza

---

<sup>1</sup> *I can formulate my thoughts only as they brake out of me. It is like a geyser. Those who come after me will have to put them in order.*

bastante heterogênea: não se resumem a fenômenos clínicos, e sim englobam pesquisas acerca da religião, mitologia, etnologia etc..

Foi principalmente o interesse de Jung pelo mundo simbólico da religião, que se manifestaria tanto no dogma, como no mito, na Alquimia ou nos sonhos de seus pacientes, que provocou grande parte das críticas dirigidas à sua obra. Às acusações de estar interferindo em assuntos teológicos, Jung respondia da seguinte forma:

O fato de a ciência avançar para áreas onde fé e dúvida brigam pela questão da verdade não prova em nada que ela pretenda interferir nesta briga ou que reivindique o direito de decidir o que é verdade e o que não é. A sua verdade consiste unicamente na observação de fatos e em uma explicação não preconceituosa, a partir de um ponto de vista empírico. Ela não possui o direito de decidir sobre a validade ou não-validade de fatos ou sobre o valor moral ou religioso destes. Preciso enfatizar isto, pois sempre suspeitam que o meu método seja uma teologia ou metafísica mais ou menos disfarçada.<sup>2</sup>

Jung apud Unterste op. cit.: 17

Para Jung a questão da verdade não pode ser separada da indagação do sentido das coisas. A procura por uma verdade estaria sempre conectada a questões existenciais. Jung ([1932] 1992: par. 497) concebe a neurose em última instância como “*um sofrimento da alma que não encontrou o seu sentido*”<sup>3</sup> [grifos do autor]. A busca de sentido, por sua vez, não se encontraria separada da questão religiosa. Desta forma, Jung não se interessa em estabelecer verdades únicas, e sim em perseguir aquilo que provoca um efeito psíquico. Uma religião viva conferiria sentido à existência, possibilitaria uma vida mais simbólica: “*Parece-me que, paralelamente à decadência da vida religiosa, as neuroses aumentaram consideravelmente*”<sup>4</sup> (Jung, op. cit.: par. 514).

<sup>2</sup> *Die Tatsache, dass die Wissenschaft in Gebiete vorstösst, wo Glaube und Zweifel sich um die Wahrheitsfrage streiten, beweist keineswegs, dass sie damit in diesen Kampf einzugreifen oder einen Anspruch auf Wahrheitsentscheidung zu erheben gedenkt. Ihre 'Wahrheit' besteht einzig und allein in der Feststellung von Tatsachen und deren unvoreingenommener Erklärung im Rahmen einer empirischen Psychologie. Keinesfalls steht es ihr zu , über Gültigkeit oder Ungültigkeit von Tatsachen zu entscheiden oder gar deren moralischen oder religiösen Wert feststellen zu wollen. Ich muss dies so ausführlich betonen, weil meine Methode immer wieder verdächtigt wird, eine mehr oder weniger verkappte Theologie oder Metaphysik zu sein.*

<sup>3</sup> *...ein Leiden der Seele , die ihren Sinn nicht gefunden hat.*

<sup>4</sup> *Es scheint mir, als ob parallel mit dem Niedergang des religiösen Lebens die Neurosen sich beträchtlich vermehrt hätten.*

Unterste (op. cit.: 18) afirma que a pergunta pelo sentido sempre remete à questão de Deus. A busca pela individuação, o confronto consciente com as imagens do si-mesmo, ilustraria tal fato. Quando Jung alude à imagem de Deus presente na psique, é acusado de deificar a alma humana. Vimos que algumas de suas declarações a respeito da relação entre o arquétipo do si-mesmo e Deus realmente são propícias a mal-entendidos. Diferenciando entre arquétipo e imagem arquetípica, Unterste (op. cit.: 19) porém sublinha que:

...todas as representações de Deus, sejam elas coletivas ou individuais, são variações de um tema básico, que em si permanece velado e indizível. A verdade, o sentido de nossa vida, que denominamos Deus, é o inesgotável.<sup>5</sup>

A imagem de Deus não é única. Ela muda de acordo com o contexto cultural dos diversos povos ou conforme as fases da vida do indivíduo. Poderíamos assim falar de uma pluralidade das imagens de Deus. Na medida em que descrevemos Deus segundo critérios rígidos e unilaterais, inviabilizamos qualquer possibilidade de reflexão mais profunda e a fé se transforma em uma mera repetição de fórmulas prontas.

Por minha parte, pude perceber durante o presente estudo uma certa dificuldade em avaliar claramente o ponto de partida de Jung quando este se dirige à temática da religião. Enquanto psicólogo, o autor assume uma atitude receptiva diante dela, relacionando o fenômeno religioso com a teoria dos arquétipos, e compreendendo a experiência religiosa a partir de uma aproximação entre a consciência e os conteúdos arquetípicos do inconsciente. Desta forma, contudo, ele relaciona enunciados metafísicos com instâncias psíquicas, interferindo por vezes no âmbito teológico, como por exemplo, quando especula sobre o significado do dogma da Assunção de Maria. Seu interesse por assuntos religiosos específicos, principalmente pelos dogmas cristãos, não deve ser, porém, reduzido a uma simples desconsideração da verdade estabelecida, no sentido de substituir esta por outra melhor.

---

<sup>5</sup> ...dass alle Vorstellungen von Gott, seien es nun kollektive oder individuelle, Variationen über ein Grundthema sind, das selbst verborgen und unaussprechlich bleibt. Die Wahrheit, der Sinn unseres Lebens, den wir Gott nennen, ist das nie Ausschöpfbare.

Lançando constantemente um olhar clínico sobre a problemática religiosa, Jung observa que determinadas idéias religiosas não fazem sentido para o homem, pois se chocam com seu funcionamento psíquico. Trata-se, conforme vimos, do caso do dogma da *Privatio Boni*, que nos leva a assumir uma postura bastante hostil em relação à nossa sombra. Jung se preocupa com o fato de determinados símbolos cristãos se afastarem do âmbito da compreensão reflexiva, tornando-se, assim, cada vez mais inacessíveis. Quando o autor olha de forma crítica para determinados postulados metafísicos, ele busca reconstituir o sentido e a vitalidade destes.

Por fim nos deparamos com uma última questão: a religiosidade do próprio autor. Jaffé (1996: 5) afirma que as reflexões a cerca da religião constituem o fundamento da vida de Jung:

Acho que todos os meus pensamentos giram em torno de Deus como os planetas em torno do sol, e são da mesma forma irresistivelmente atraídos por ele. Eu me sentiria como o maior pecador caso quisesse opor uma resistência a esta força

Jung apud Jaffé, op. cit.: 15

Não podemos, portanto, responder com segurança se o autor parte da psicologia quando se aproxima da religião ou se por vezes se inspira em sua própria vivência religiosa, o contato que teve desde cedo com a teologia, quando formula os conceitos de sua teoria. Deixarei esta questão em aberto. Fato é que talvez não seja possível optar por um caminho único, quando se trata da aproximação de esferas aparentemente tão distantes uma das outras como ciência e religião. Jung certamente se encontrava muitas vezes em um beco sem saída. A ciência positiva o acusava de misticismo, a instituição religiosa se incomodava com as suas avaliações a respeito de algumas idéias teológicas. Seria possível encontrar o caminho do meio neste caso? O psicólogo pode se pronunciar a respeito do tema da religião sem tender para um dos dois extremos? Talvez a solução seja aceitar que o caminho do meio seja exatamente este: oscilar entre um extremo e outro.